



Carcereiros¹

Fernanda ALBINO²

Gabriela MELLO³

Jacqueline VIANA⁴

Valdir BOFFETTI⁵

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho relata as experiências vividas por carcereiros da Polícia Civil do Estado de São Paulo. Utilizando recursos audiovisuais, o projeto aborda a realidade do sistema carcerário a partir do ponto de vista do profissional que atua nas cadeias públicas. Com estrutura precária, localização imprópria e superlotação, as carceragens funcionam como uma bomba relógio. Não bastasse isso, plantões exaustivos, baixa remuneração e treinamento insuficiente também fazem parte da realidade destes personagens. "Carcereiros" busca resgatar essas histórias, bem como explicitar os medos, as expectativas e as opiniões destes profissionais acerca do sistema prisional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Carcereiros; cadeia; detentos; violência; audiovisual.

INTRODUÇÃO

Discussões sobre a precariedade e a super lotação do sistema prisional paulista são frequentes, apesar dos fortes investimentos feitos pelo governo. A situação é ainda mais precária quando se trata das cadeias públicas, que não possuem infraestrutura semelhante a de penitenciárias para comportar a crescente população carcerária do Estado.

Administradas pela Secretaria de Segurança Pública (SSP), tais instalações são utilizadas para o confinamento temporário de criminosos autuados em flagrante, bem como à espera de julgamento ou transferência. Dessa forma, é impossível determinar o número exato de pessoas sob custódia nas carceragens matidas anexas às Delegacias da Polícia Civil, uma vez que a rotatividade é constante. Segundo levantamento feito pela Associação dos Funcionários da Polícia Civil do Estado de São Paulo (AFPCESP) no dia 3 de fevereiro

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo

² Membro da equipe e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela FAC-UMESP, e-mail: fernanda.albino@uol.com.br

³ Líder da equipe de trabalho e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela FAC-UMESP, e-mail: mello_gabi@hotmail.com

⁴ Membro da equipe e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela FAC-UMESP, e-mail: jplensack@ig.com.br

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAC – UMESP, e-mail: valboffetti@uol.com.br



de 2009, o Estado de São Paulo possui atualmente 4.004 carcereiros em quatro classes distintas. O último concurso público foi realizado em 2004. Dos 10.278 inscritos para 450 vagas, somente 410 candidatos foram aprovados e seguiram para treinamento na Academia de Polícia “Doutor Coriolano Nogueira Cobra”. Destes, apenas 358 saíram aptos a exercer a função. Recém-formados, eles ainda ficam por três anos em estágio probatório e podem ser desligados do serviço a qualquer deslize profissional.

No entanto, um esboço de projeto de lei complementar, encabeçado pelo Departamento de Administração e Planejamento (DAP) da Polícia Civil, pretende redefinir a estrutura organizacional da entidade, aglutinando diversas funções policiais, incluindo a de carcereiro, no cargo Agente de Polícia.

Fora isso, a nova sistemática prisional, envolta à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), tornou as cadeias públicas e os profissionais que nelas atuam ainda menos necessários com a construção dos Centros de Detenção Provisória (CDP) a partir de 2002.

Estigmatizados e sob ameaça de serem extintos, os carcereiros vivem sob constante pressão em um ambiente de trabalho impregnado pela violência. Ameaças de morte, investigações por fugas e rebeliões, traumas e cicatrizes são episódios recorrentes na história de cada um deles. Durante a realização deste projeto⁶, descobrimos órgãos públicos, sindicatos, associações e, sobretudo, vários personagens dispostos a compartilhar suas histórias.

2.OBJETIVO GERAL

“Carcerários” é uma produção de cunho jornalístico que busca revelar os medos, as expectativas e o ponto de vista destes profissionais sobre o sistema penitenciário do país, além de averiguar até que ponto o ambiente de trabalho pode influenciar no comportamento do indivíduo. Com o apoio de recursos audiovisuais, o trabalho reúne depoimentos de personagens e autoridades envolvidas neste meio, mostrando o relacionamento com os presos e a rotina das cadeias públicas visitadas.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender o que os leva a seguir tal profissão;
- Desestigmatizar a figura do carcereiro;

⁶ Versão em baixa resolução foi submetida junto com este paper. Para visualizar e fazer download do vídeo com a qualidade requerida para participação no Expocom, acesse: www.vimeo.com/carcerarios



- Retratar as aflições diárias destes personagens;
- Abordar o preconceito sofrido pela categoria;
- Apontar os vícios toxicológicos e transtornos pós-traumáticos adquiridos pelo profissional;
- Mostrar como a família do carcereiro lida com a situação;
- Observar a relação do carcereiro com os presos;
- Contar histórias inusitadas e/ou marcantes vividas ao longo da profissão;
- Averiguar a possibilidade de conciliar a função com alguma outra carreira;
- Investigar se a profissão de carcereiro está em extinção, tendo em vista o processo de desativação das cadeias públicas;

3. JUSTIFICATIVA

Na maioria das vezes, jornais, revistas e documentários priorizam a perspectiva do preso, retratando superficialmente a visão do carcereiro. Motivadas pela escassez de produtos jornalísticos sobre a carreira policial, decidimos mostrar o outro lado da moeda. Como vivem e quais dificuldades enfrentam aqueles que trabalham neste ambiente? Quais os reflexos psicológicos e físicos resultantes deste tipo de confinamento? Tendo em vista o apelo sensorial proporcionado pelo formato audiovisual, optamos pela modalidade telejornalística.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este trabalho foi desenvolvido em três etapas distintas. A primeira delas começou com o processo de *benchmarking*, no qual avaliamos a viabilidade comercial do projeto no meio jornalístico e constatamos o ineditismo da proposta. Depois realizamos extensa pesquisa bibliográfica sobre a história e a atual situação do sistema prisional brasileiro, além de buscarmos estudos sobre os aspectos moral e psicológico da profissão de carcereiro.

Num segundo momento, conduzimos entrevistas qualitativas com seis indivíduos pré-selecionados de diferentes classes da carreira policial e consultamos as autoridades envolvidas nos processos de seleção e treinamento destes profissionais, entre elas: o psiquiatra da Corregedoria da Polícia Civil, a psicóloga-chefe da Academia de Polícia e o delegado responsável pelos cursos de formação. Também entramos em contato com a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), com o Sindicato dos Funcionários do



Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo (Sifuspesp) e o Sindicato dos Carcereiros Policiais do Estado de São Paulo para distinguir o Agente de Segurança Penitenciária (ASP) do carcereiro. Visitamos ainda as instalações da cadeia pública de Mogi das Cruzes e a Penitenciária Feminina de Santana, no Carandiru, para conhecermos a fundo a dinâmica de funcionamento de cada uma delas.

A etapa seguinte envolveu uma pesquisa experimental, na qual buscamos nos aprofundar nas temáticas anteriormente analisadas e estudamos a linguagem documental por meio da análise de uma série de filmes e livros recomendados pelo orientador do projeto. Entre eles, os documentários *O Cárcere e a Rua*, de Liliana Sulzbach, e *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, de Paulo Sacramento, exerceram grande influência na realização do trabalho, não apenas pela semelhança do tema abordado como também pela estética narrativa e plástica de ambos.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

5.1. Pré-produção

A pré-produção começou cerca de dois meses antes da primeira gravação. Nesse período, foram feitas mais pesquisas de campo e visitas a locais como o Presídio da Corregedoria da Polícia Civil e os dois campus da Academia de Polícia, onde conseguimos mais informações para aprofundamento teórico.

Nesse ínterim, foram agendadas e pautadas as primeiras gravações nas cadeias de Mogi das Cruzes e de Vicente de Carvalho, no Guarujá. Paralelamente, criamos um blog⁷ que funcionou como uma espécie de diário de bordo da equipe, além de servir como um canal para divulgação do projeto e postagem de notícias relacionadas ao tema.

5.2. As gravações

Nossa primeira gravação ocorreu na Cadeia Pública de Mogi das Cruzes, mas preciso de ser refeita por conta de problemas com a iluminação. A externa seguinte ocorreu na Cadeia Pública de Vicente de Carvalho, no Guarujá, Baixada Santista. Em um domingo, considerado um dia calmo para os carcereiros, gravamos entrevistas e capturamos imagens da rotina dos detentos e dos carcereiros. A carceragem de Santos também nos rendeu um bom material. Descobrimos inclusive uma família inteira de carcereiros, mas implicações técnicas impossibilitaram o aproveitamento do conteúdo registrado.

⁷ O blog pode ser acessado em www.carcereiros.blogspot.com

Na Cadeia Feminina de São Vicente, lidamos com o maior dilema do trabalho ao descobrirmos que uma das entrevistadas trabalhava irregularmente no local após ter sido presa por tráfico de drogas. Ao contrário da experiência obtida em Santos, onde as presas foram agressivas e se recusaram a participar das filmagens, as detentas de São Vicente fizeram questão de conceder entrevistas.

Na capital, tivemos a oportunidade de entrevistar funcionários e o diretor da Penitenciária Feminina de Santana, Maurício Guarnieri – material que não pudemos aproveitar na edição final.

Uma das entrevistas mais polêmicas, o psiquiatra do Presídio da Polícia Civil nos surpreendeu ao abordar temas áspersos como corrupção, dependência química, preconceito e a ineficácia dos processos de seleção da entidade.

Para encerrar, coletamos depoimentos técnicos de profissionais da Academia de Polícia, entre eles: a psicóloga-chefe e o delegado responsável pelos cursos de formação.

5.3. Abordagem jornalística

Um dos principais deveres jornalísticos é mostrar os dois lados da situação notificada e, se possível, confrontá-los. Para BUCCI (2002:11) “Jornalismo é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, um alarme deve soar”. Por isso abordamos vários carcereiros da Polícia Civil do Estado de São Paulo, mais especificamente os da Baixada Santista e da Região de Mogi das Cruzes. A maioria foi solícita e esteve a nossa disposição para contar histórias e experiências, mas encontramos problemas para abordar o lado mais sombrio desses profissionais, especialmente aqueles suspeitos de corrupção. Apenas um dos entrevistados que se encaixava nesta categoria se mostrou razoavelmente disposto a falar. Por acaso, descobrimos que outra entrevistada, cujos depoimentos soavam superficiais e insatisfatórios, havia sido presa sob suspeita de traficar drogas e se envolver com um preso.

Nosso maior desafio foi decidir o que fazer com essa personagem, já que ela não mencionara nada a respeito dos processos criminal e administrativo que enfrenta até hoje. Divulgar ou não seus atos sem a devida autorização foi um grande dilema ético. Por um lado, ela concordara em conceder a entrevista. Ao mesmo tempo, sentimos um dever para com o público revelar a real situação da carcereira sem que, para isso, fosse necessário sucumbir ao sensacionalismo. Consideramos a possibilidade de descartar as entrevistas concedidas por eles, mas isso faria com que uma parte fundamental do trabalho – a discussão sobre corrupção - fosse prejudicada.

Lidamos então com um dos maiores conflitos do jornalismo: a invasão de privacidade.

Sobre isso, diz o jornalista Eugenio Bucci:

“Com frequência os órgãos de imprensa se vêem entre optar pelo respeito à privacidade de alguém que é tema da reportagem o direito do cidadão de ser bem informado. É justo devassar a intimidade de alguém? Não, todo mundo sabe. Mas (...) é justo investigar a intimidade de alguém que esteja exercendo uma função pública e guarda, em sua intimidade, práticas suspeitas que envolvem o Estado? O dilema ético do jornalista, por excelência, é desse tipo. Não se trata apenas de uma hesitação, portanto, entre o certo e o errado”. (BUCCI, 2002:20)

Decidimos, portanto, nos respaldar nos aspectos legais do caso. Amparados pelo artigo nº 1 do Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que assegura que “o acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum interesse”⁸, e pela garantia legal de que os processos nos quais os personagens estavam envolvidos são públicos.

5.4. Roteiro e Edição

A decupagem das 40 fitas utilizadas durou quase dois meses. Após selecionarmos os trechos que melhor se adequavam às hipóteses lançadas e aos objetivos pré-estabelecidos, começamos a esboçar o roteiro, que se revelou a etapa mais desafiadora do projeto. Tivemos de transformar várias horas de gravação em uma narrativa coerente de até 30 minutos. De todo o material capturado, optamos por excluir completamente os testemunhos de cinco pessoas, sendo dois carcereiros, dois membros da Academia de Polícia e uma autoridade do sistema prisional.

Com o roteiro estruturado, nos concentramos exclusivamente no processo de edição, que foi iniciado na faculdade e concluído por um profissional *freelancer*. Nesta fase, materializamos nossas idéias, adaptando-as às exigências acadêmicas e aos parâmetros de qualidade audiovisuais. Para compensar a curta metragem do filme, montamos uma seqüência de depoimentos extras, que traziam histórias inusitadas e aspectos adicionais sobre os personagens. Também acrescentamos fotografias dos locais visitados e dos bastidores da produção.

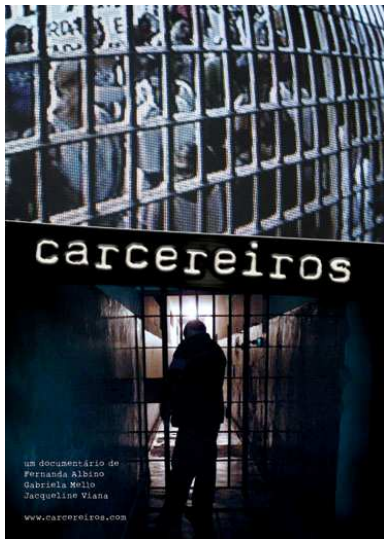
4.4. Pós-produção e divulgação

Depois de finalizar o trabalho, definimos a identidade visual do projeto, de modo a torná-lo atraente para possíveis patrocinadores e para o público em geral. Criamos um pôster, customizamos um press-kit contendo uma camiseta, um DVD, uma sacola e uma

⁸ in BUCCI, E. *Sobre Ética e Imprensa*. p. 57

caixa estilizada em formato de cadeia. Desenvolvemos ainda um *site* oficial⁹, o que possibilitou uma divulgação mais abrangente.

Motivadas pelo êxito obtido na apresentação final à banca, contatamos emissoras televisivas com programações alternativas e inscrevemos o trabalho em vários festivais de âmbito nacional e internacional, visando a um reconhecimento fora do espaço acadêmico.



CONSIDERAÇÕES

Não há dúvidas de que o Estado investe pesadamente para manter uma estrutura e um aparato que solucione a criminalidade, disponibilizando verbas para as Polícias Civil e Militar, para o Poder Judiciário, o Ministério Público e os tribunais, sempre visando ao produto final: a sentença do preso. Contudo, as cadeias públicas que, aos poucos parecem caminhar para a extinção, continuam sendo indispensáveis para a manutenção dos procedimentos de segurança pública. Não por acaso, a maioria continua a ultrapassar os limites de capacidade mesmo depois da construção dos Centros de Detenção Provisória. A infraestrutura dessas instalações também supera o conceito da precariedade, tão discutido atualmente. Não possuem sistema de segurança adequado e obviamente nenhum tipo de conforto, o que é prejudicial não apenas ao preso, mas também ao profissional que atua diariamente no interior das cadeias públicas.

O carcereiro é o principal elo entre o preso e o Estado. Verificamos que ele normalmente não recebe a devida preparação para lidar com criminosos de todos os tipos, tampouco dispõe de acompanhamento psicológico eficaz para manter suas funções

⁹ O endereço do *site* é www.carcereiros.com



psíquicas intactas. Seu salário é baixo e o trabalho insalubre. Nessas condições, é comum que ele lance mão de subterfúgios como forma de escapismo, que podem ir do álcool, às drogas, passando pela reprise da violência vivida no trabalho. A fuga da realidade latente em que vive pode se transformar em problemas de saúde muitas vezes psicossomáticos, como o estresse pós-traumático, ou então levar a desvios de conduta, onde ele tira proveito da situação para o próprio bem.

Concluimos então, que esta profissão interfere na conduta do indivíduo e a mudança de comportamento muitas vezes ultrapassa o ambiente laboral, afetando a vida familiar e social. Ao mesmo tempo, porém, encontramos profissionais que apreciam as atividades diárias e não se deixam levar pelas tensões impregnadas no ambiente de trabalho.

Quanto ao projeto em si, percebemos que uma boa reportagem jornalística exige muito mais que conhecimento da linguagem audiovisual, boas fontes e boas imagens. É preciso ter sensibilidade para reconhecer os limites éticos e construir uma narrativa coerente e com potencial de mobilizar a opinião pública, estimulando o debate de relevância social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES-PEREIRA, AMT.(Org) *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BUCCI, E. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERNANDES, R.C.P. Trabalho e cárcere: um estudo com agentes penitenciários da Região Metropolitana de Salvador, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.807-816, mai-jun de 2002.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

RUMIN, C.R. Sofrimento na Vigilância Prisional: O Trabalho e a Atenção em Saúde Mental. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Adamantina: FAI, ano 26, n 04, p.570-581, 2006.

SALLA, F. *As Prisões em São Paulo: 1822-1940*. São Paulo: Annablume/FAPESP. 2006.

SANTOS, J.R.R. dos. *O Fenômeno da Prisionização em Agentes Penitenciários do Paraná*. Monografia (Pós-Graduação em Gestão Penitenciária) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, 2007.



SOUZA, E.R.; FRANCO, L.G., MEIRELES, C. de C., *et al.* Sofrimento Psíquico Entre Policiais Civis: uma análise sobre a ótica do gênero. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.23, n. 01, p.105-114, 2007.

FOTOS



Imagem do pátio da Cadeia de Mogi das Cruzes.



Carcereiro tranca presos na Cadeia de Mogi das Cruzes.



Imagem do pátio da Cadeia Feminina de São Vicente.



Carcereira durante expediente na Cadeia de São Vicente.



Carcereiro vigia presos na Cadeia de Vicente de Carvalho.



Imagem de preso na Cadeia de Vicente de Carvalho.



Carcereiro é entrevistado na Cadeia de Vicente de Carvalho.



Imagem de preso na Cadeia de Vicente de Carvalho.



Penitenciária Feminina de Santana, no Carandiru.



Penitenciária Feminina de Santana, no Carandiru.



Delegado concede entrevista na Academia de Polícia.



Imagem da aula de tiro na Academia de Polícia.